

**INVOCANDO DEUSES NO TEMPLO ATENIENSE:
(Re) inventando tradições e identidades no Maranhão (1940-1960) ***

Antonio Evaldo Almeida Barros

Licenciado em História / UFMA

Mestrando em Estudos Étnicos e Africanos / UFBA

Bolsista CAPES / UFBA, eusouevaldo@yahoo.com.br

Resumo: Analisamos processos de invenção e reinvenção da maranhensidade, mostrando que, em meados do século XX (1940-1960), o mito da Atenas Brasileira é reatualizado, o Maranhão e o maranhense são ressignificados a partir de temas e sentidos daquela construção imaginária: novas letras refletidas de velhas imagens e transformadas em revelações da maranhensidade.

Palavras-chave: Identidade maranhense (maranhensidade). Tradição. História do Maranhão (1940-1960).

INVOKING GODS IN THE ATHENIAN TEMPLE:

(Re)inventing traditions and identities in the Maranhão / Brazil (1940-1960)

Abstract: It is approach processes of invention and reinvention of the *maranhensity*, showing that, between the decades of 40 and 50 of XX century, the Brazilian Athens myth is reupdated, the *Maranhão* and the *maranhense* are meanings for subjects and felts of that imaginary construction: new letters reflected of old images and transformed in revelations of the *maranhensity*.

Key-words: *Maranhense* Identity (*maranhensity*). Tradition. History of the Maranhão / Brazil (1940-1960).

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Maranhão e o maranhense não são categorias que falam de uma situação natural nem refletem uma realidade atávica. Ao contrário, trata-se de uma região e de um tipo regional editados por narrações identitárias que vêm sendo continuamente reescritas e revistas, narrações tais que os

* O tema focado neste artigo foi discutido na monografia “**Renegociando Identidades e Tradições: cultura e religiosidade popular ressignificadas na maranhensidade ateniense**”, defendida no curso de História da UFMA, em julho de 2005 (BARROS, 2005) e também em eventos (BARROS, 2004a, 2004b, 2004c). As fontes históricas citadas podem ser localizadas na Biblioteca Pública Benedito Leite (Setor Arquivo), em São Luís/MA.

definem de um determinado modo, dão-lhes uma certa aparência e ficcionam-lhes um estatuto travestido de naturalidade, embora suas variadas aparências e substâncias, em verdade, sejam histórica, social, cultural e economicamente determinadas. Ora, se as construções identitárias passam por constantes processos de ressignificação e de redimensionamento, é preciso que busquemos percebê-las e decifrá-las como construções sociais e historicamente localizadas, assim, teremos melhores condições de esmiuçar seus modos de configuração e entender seus significados e implicações.

Folheando páginas de jornais e revistas escritos no Maranhão em meados do século XX, podemos escutar vozes do passado e encontrar textos (re)criadores e propagadores de mitos e ideologias construídos sobre aquelas glebas, instituindo um Maranhão e um maranhense singulares, sedimentando um conjunto de discursos que além de representar, agem no sentido de inscrever e propagar o real. Desde já, é importante pontuar a necessidade de questionarmos a idéia de identidade (maranhensidade, Maranhão, ser maranhense, identidade maranhense). Identidade é “uma repetição, uma semelhança de superfície”. Ora, a região não é natural, é preciso mesmo que a desnaturalizemos, é necessário que procuremos momentos em que ela se define enquanto tal, ocasiões em que pretende tomar um “corpus” (aparentemente) homogêneo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p. 6-9).

É entendendo que **“A região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas é produto de uma operação de homogeneização”** (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p. 9, grifo nosso), um espaço (re)cortado e (re)inventado a partir de interesses variados, que objetivamos pensar um dos momentos em que aquela operação se processa no território demarcado como Maranhão, entre as décadas de 40 e 50 do século XX, a partir do estudo de práticas, experiências e discursos sobre mitos e ideologias que pretendiam significar, identificar, definir, multiplicar e propagar a região (Maranhão) e seu tipo regional (maranhense), aceitando, como pensa Baczkó (1985, p. 296), que “O imaginário social é uma das forças reguladoras da vida colectiva” e as produções imaginárias, particularmente os mitos, “constituem outras tantas respostas dadas pelas sociedades aos seus desequilíbrios, às tensões no interior das estruturas sociais”.

Em meados do século XX, falas e representações acerca do Maranhão e do maranhense são perpassadas pela reatualização do mito da Atenas Brasileira (e seus próximos, como o mito da fundação francesa da capital do Estado) e pela “ideologia da decadência”, consubstanciando um

encadeamento de idéias-imagem que institui a região e seu tipo como singulares – “ideologia da singularidade”.¹

Politicamente, podemos afirmar a existência de dois momentos que perpassam o período por nós recortado. Primeiro, entre fins da década de 30 e metade da década de 40, quando Paulo Ramos foi Interventor (15/08/1936 – 23/3/1945). Depois, de meados da década de 40 até meados da década de 60, período correspondente à oligarquia vitorinista que será substituída por uma outra, a oligarquia Sarney, em 1965. Os interventores que substituíram Paulo Ramos: Clodomir Serra Serrão Cardoso (23/3/1945 – 7/11/1945), Saturnino Belo (16/2/1946 – 10/04/1947) e João Pires Ferreira (10-14/4/1947)². Os governadores no período vitorinista³: Sebastião Archer (1947-1951), Eugênio

¹ No âmbito acadêmico, são o antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida (1983) e o sociólogo Rossini Corrêa (1993) que iniciam uma análise crítica do termo decadência. O primeiro, tomando como norte teórico Bourdieu (1974), especialmente a idéia de *pensamento de escola*, discute a noção a partir do próprio termo decadência. O segundo elabora sua análise a partir da construção mítica Atenas Brasileira (COSTA, 2001). A chamada “ideologia da decadência” do Maranhão se configura como um modelo representacional constituído durante o século XIX (por ocasião da “decadência” da lavoura do Estado) cujos moldes e percepções perpassam as representações vindouras sobre o Maranhão (ALMEIDA, 1983), inclusive aquelas presentes em meados do século XX. Como salienta Costa (2001, p. 80), “A decadência e sua contraparte (o mito da Atenas Brasileira) se conjugam para fornecer o referencial imagético e discursivo a partir do qual se fala e se escreve sobre o Maranhão”. O mito da “Atenas Brasileira” foi lapidado a partir da experiência do Segundo Reinado, quando da existência do “Grupo Maranhense”, do qual faziam parte grandes nomes da literatura nacional como Gonçalves Dias e Sousândrade; um mito constantemente reatualizado ao longo do processo histórico do Estado. Segundo Corrêa (1995, pp. 102-104, grifo do autor), as elites provinciais produziram o Maranhão como “uma excepcionalidade” constituinte da nação, mas distinguindo-se dela “pelo manuseio de uma superioridade espiritual, ao definir-se como Atenas”, “Atenas Brasileira – provincianismo mais refinado do que o nacionalismo [...] **Maranhenses, nascidos na Atenas Brasileira. Atenas Brasileira, nascida dos maranhenses**”. Partindo da perspectiva de Hobsbawm e Ranger (1997), para os quais, o momento em que sociedades passam por situações difíceis é propício para a invenção de tradições, Lacroix (2000), em (polêmico e polemizador) trabalho, posteriormente revisado e ampliado (LACROIX, 2002), nota que é somente durante o século XIX que se começa a falar sobre a fundação francesa da cidade de São Luís, fundada (?) em 1612, exatamente no século da já mencionada decadência da lavoura. É ocasião em que acontece em São Luís a invenção das tradições. Tal século foi também o período de maior influência da cultura francesa no mundo, não à toa o mesmo ficou conhecido como o “século do galicismo”. Numa tentativa de se mostrarem diferentes diante dos outros Estados da federação, misturando-se ilusão de origens e presunção da superioridade intelectual, os contemporâneos lançam mão de um elemento que os singularize: atualizam então a idéia de que São Luís teria sido fundada por franceses.

² Então presidente da Assembléia Estadual Constituinte. Fica na chefia estadual por quatro dias, passando-a para o Governador eleito Sebastião Archer (MEIRELLES, 1980, p. 385). Conhecido como J. Pires, nasceu em Loreto (MA), a 29/10/1883, fundou os jornais “O Popular”, em Floriano (PI), “O Imparcial”, “Diário de São Luís”, “A Tarde”, “Diário Popular”, e a “Revista Athenas”, em São Luís. Faleceu na referida cidade a 7/06/1951 (FARIA, 2005, p. 579).

Barros (1951-1956), José de Matos Carvalho (1957-1961) e Newton de Barros Bello (1961-1966). Neste cenário, terão papel fundamental membros da chamada “Geração de 45”⁴ e, em ambos os momentos, vozes se levantarão para pintar o Maranhão como decadente, mas pronto para reerguer-se revivendo supostos tempos áureos e prósperos de Atenas.

Paulo Ramos foi nomeado por Getúlio Vargas em 1937 para Interventor Federal (MEIRELLES, 1980). Sua estratégia política, segundo Corrêa (1993, p. 207, grifo do autor), foi “a da produção e consolidação de uma convincente autonomia administrativa, que promovesse o distanciamento gradativo dos tradicionais litigantes oligárquicos da máquina do Estado”. E os soldados que foram seus combatentes **“outros não foram, senão os intelectuais”**. Importante destacar que, entre as décadas de 30 e 40, o fenômeno de aliciamento de poetas, romancistas e ensaístas foi um fenômeno nacional. Com Paulo Ramos, a máquina do Estado foi expandida. Houve um crescimento das instituições públicas. Surgiu um mercado de trabalho mais típico dos intelectuais. Estes, antes “reclusos à existência vacilante da boemia, de mestre-escola e do jornalismo provinciano” passaram a “compartilhar das responsabilidades administrativas do Estado” (CORRÊA, 1993, p. 208-217).

Paulo Ramos foi encontrar os intelectuais do Maranhão na Academia Maranhense de Letras (AML), “instituição concentradora da inteligência e dos mecanismos regulares e legitimados de um hipotético reconhecimento das qualidades literárias”. No contexto estado-novista, vários foram os intelectuais maranhenses que se destacaram no exercício da atividade pública, entre os quais, Agnello Costa, Clodoaldo Cardoso, Ribamar Pinheiro, Astolfo Serra, Luso Torres, Oliveira Roma e Nascimento Morraes. Tais intelectuais justificavam o Estado Novo enumerando suas conseqüências positivas (CORRÊA, 1993, p. 209-219).

³ Após o declínio do Estado Novo, a história maranhense foi marcada pela ascensão política de Victorino Freire, um dos principais articuladores da campanha do General Dutra à presidência e responsável pela organização do PSD no Maranhão, partido que tinha fortes ligações na esfera federal e mantinha-se internamente baseado em mandonismos locais e no uso sistemático da “Universidade da Fraude” nos processos eleitorais (COSTA, 2004, p. 183).

⁴ Como já mostrou Gonçalves (2000), analisando processos de (re)invenção do Maranhão, a partir do estudo da trajetória (fabricada, deliberadamente construída, que se apresenta como natural) de Sarney no campo político e no campo intelectual, a “geração de 50” (geração de 45) idealizou o Maranhão propondo um projeto coletivo para o mesmo, tal projeto foi convertido em projeto pessoal pelo próprio Sarney. Longe de romper com o “estado dinástico”, com o velho e o retrógrado (do vitorinismo), Sarney, com seu projeto “Maranhão Novo”, reinstala e reabilita aquele estado de dinastia. Longe de ser natural, “o Maranhão foi inventado e reinventado, tantas vezes quanto puderam ser construídas estratégias para tal” (GONÇALVES, 2000, p. 179).

É nesse período que aparece a “Revista Athenas”, cujo primeiro número data de 1939, e nas palavras de Nascimento Moraes, tratar-se-ia de “uma arrancada” comprovadora de que “A Athenas Brasileira vive. Não é menos vigorosa a sua expressão mental” (MORAES, 1939, p. 2).⁵ Este é um momento em que a noção de cultura – e tradição – indicada pelo desejo da afirmação do termo “Athenas” ainda continua a apontar sobretudo para uma tradição que valoriza a Europa, um texto velho, mas continuamente revitalizado.

Terminada a década de 30, os principais entusiastas da mocidade intelectual maranhense estavam radicados no Rio de Janeiro. A esperança de renovação literária ficou depositada na mocidade. No Rio, acreditaram ter perspectivas de reconhecimento nacional como escritores e estudiosos: Neiva Moreira, Ignácio Rangel, Josué Montello, Oswaldino Marques, Franklin de Oliveira, Odylo Costa Filho, Antonio de Oliveira e Manoel Caetano Bandeira de Mello. Outros, como Erasmo Dias, Mário Meireles e Nascimento Moraes, permaneceram no Maranhão. Com a renúncia militar de Getúlio Vargas, a máquina protetora dos intelectuais maranhenses foi desmontada (CORRÊA, 1993, p. 217-219; 222).

O vitorinismo (1945-1966), por seu turno, como evidencia Costa (2000), caracteriza-se pelo domínio, da cena política estadual, de Victorino Freire, da *Ocupação*, contestado pelas *Oposições Coligadas*, que ascenderiam ao poder em meados dos anos 60, tendo início o sarneísmo; a *Ocupação* era acusada pelas *Oposições* de consolidar um projeto contrário às verdadeiras tradições maranhenses; trata-se do período de invenção da mística “Ilha Rebelde” na Greve de 1951 e de forte reatualização do mito da Atenas Brasileira.⁶

2 ÍCONES DE ATENAS: REVIVENDO A VIDA NA MORTE

No Maranhão de meados do século XX, cultura é um termo que ainda significa, sobretudo, arte, literatura, apontando para algo que é culto e clássico, que é combinado com o progresso e com a civilização. Não à toa, em 1946, Fernando Viana lembrava Coelho Neto quando este afirmou que “a Literatura é o registro de um povo, e que os povos sem Literatura, ainda que os mais gloriosos, somem-se na História” (COELHO NETO Apud VIANA, 1954, p. 24)⁷. A análise

⁵ José Nascimento de Moraes foi poeta, escritor, professor, membro da AML e do IHGM.

⁶ O grupo político chamado de Ocupação foi assim caracterizado pelas Oposições Coligadas (COSTA, 2000).

⁷ Fernando Ribamar Viana nasceu em São José de Ribamar (MA), em 1904. Fez os cursos Primário e Secundário no Liceu Maranhense, diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1934. Funcionário público federal. Atuou em diversas instituições como professor ou médico. Membro da AML e do IHG. Jornalista de *O Pacotilha*, *O*

de representações sobre dois ícones do período em foco pode nos ajudar a perceber isso. O que é dito e visto pelos contemporâneos em Apolônia Pinto e Gonçalves Dias nos mostrará bem aquela armadura discursiva. A arte de Apolônia e as letras gonçalvinas são lidas, ditas e vistas como cultura, como civilização, elementos desejados na maranhensidade, são motores da alegoria identitária fundada em reminiscências de Atenas.

De antemão, é importante notarmos que Apolônia Pinto, em comparação a Gonçalves Dias ou a outros ícones do Pantheon maranhense, é uma figura extremamente artificial. E é exatamente por isso que ela se torna uma imagem paradigmática que serve para ilustrar bem processos de reinvenção da maranhensidade sob os signos da mitologia ateniense. Pelo mito da Atenas Brasileira é possível dar significados, a partir de interesses variados, a determinadas situações e/ou pessoas independentemente da relação destes com os sentidos que pretendem expressar. Os sentidos e símbolos da Atenas Brasileira são manipulados, inventados e reinventados por atores e interesses sociais os mais diversos, em diferentes momentos da construção do Maranhão e do maranhense.

2.1 A ARTISTA ATENIENSE: APOLÔNIA PINTO

Um acontecimento denominado pela imprensa escrita de “a consagração pública de Apolonia Pinto” (HOJE ..., 1947) é ilustrativo para apreendermos uma série de significados do mito da Atenas Brasileira no período em análise. Tratar-se-ia “da mais justa homenagem” que “O Maranhão através de suas classes intelectuais e do seu próprio povo” teria prestado “àquela que em vida soube ser fiel às nossas **tradições de cultura**, enriquecendo com o seu extraordinário talento e a sua cultura dramática, o nosso **patrimônio mental**” (ESTÃO ..., 1947, grifo nosso).

Apolônia Pinto nasceu a 21 de junho de 1854 num dos camarins do teatro Artur Azevedo. Em 1896, quando foi a Portugal a bordo navio francês “Chili” em busca de um especialista em doenças auriculares, que impedisse a sua surdez – o que não aconteceu, já possuía uma respeitável empresa teatral no Brasil. Era filha de atores portugueses, Rosa Adelaide Marchety e Feliciano da Silva Pinto e casou-se com o ator Germano Alves da Silva. Foi uma das maiores atrizes

de sua época, tendo participado do movimento Trianon. Passou os últimos dias de sua vida no Retiro dos Artistas, Rio de Janeiro, onde faleceu a 24 de novembro de 1937.⁸

Seu nascimento no camarim do “velho Teatro ‘Artur Azevedo’” era lido como um fato que veio “marcar a sua destinação artística”, crescendo “num ambiente de arte”, numa “atmosfera de poesia e espiritualidade da **tradicional Atenas Brasileira**” (HOJE ..., 1947, grifo nosso). O “mundo intelectual e artístico” de São Luis recebeu entusiasmadamente “os restos mortais da grande artista que tanto engrandeceu o nome da Atenas Brasileira no passado” e que continuou naqueles dias “enchendo de glória a terra que a viu nascer”. A cidade teria ficado em verdadeiro frenesi para receber as urnas com os famosos despojos, que foram acompanhados por uma “brilhante comitiva”.

As 7 horas da manhã, juntamente com os **amigos do senador Vitorino Freire** que iam recebe-lo, dirigiram-se varios automoveis ao aeroporto do Tirirical, **comissões especiais da Academia Maranhense de Letras**, do **Centro Cultural Gonçalves Dias**, do Grupo “Amigos de Apolonia” e do **Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão**, para receber em nome da **intelectualidade maranhense**, as cinzas da grande atriz, cuja memória **todo o Brasil cultua**. O avião especial desceu precisamente às 8 horas, recebendo a embaixada os cumprimentos das **autoridades intelectuais** e **artistas presentes**. Constituem a comitiva o **senador** Vitorino Freire, o **acadêmico** Ruy Archer da Silva, o **escritor** Pascoal Carlos Magno, representando a **Casa do Estudante do Brasil**, o **Teatro Universitário**, **Casa de Artistas** e **Conjunto Coreográfico Brasileiro**, **jornalista** e **poeta** Guimarães Martins, representando a cidade de Araparara [São Paulo] e o seu prefeito Sr. Dorival Alves; o **universitário** José Carlos Martins, do **Teatro do Estudante do Brasil** e o **cinigrafista** Roberto Alvim [...] [E, lembra, um dos oradores, o poeta Assis Garrido:] **Tudo isto, regido, foi feito com o beneplácito do nosso governador** [Fala Guimarães Martins, repórter de São Paulo:] A convite do **governador maranhense**, vim a S. Luiz integrando a embaixada que acompanhou a urna contendo os restos mortais da grande Apolonia Pinto [...] Não me surpreendeu nem me poderia surpreender o apoio que tive do **governo maranhense**, **senador** Vitorino Freire e da **intelectualidade** desta terra, representada na pessoa do dr. Clodoaldo Cardoso, presidente da **Academia Maranhense de Letras** e da **imprensa local** [...]. (ESTÃO ..., 1947, grifo nosso)

No culto a Apolônia Pinto, isto é, uma das celebrações à Civilização e à Cultura pela reatualização do mito da Atenas Brasileira, estão as instituições que freqüentemente legitimavam tal discurso, as maiores: a AML, o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM) e o Centro Cultural Gonçalves Dias (CCGD); além de outras, como a Casa do Estudante do Brasil e o Teatro Universitário. Podemos notar ainda que os grupos políticos dialogavam/manipulavam as imagens, as

⁸ Ver APOLÔNIA ..., 2005. O Trianon, do qual participou Apolônia Pinto, refere-se ao movimento de eclosão do teatro nacional “moderno”, em contraposição a um outro “velho e decadente” nas primeiras décadas do século XX, no contexto do modernismo teatral. Ver FERREIRA, A., 2004.

representações sobre o Maranhão, mas também, de certa forma, eram por elas manipulados, as cooptavam e eram por elas cooptados. Senador, governador e prefeito, acadêmico, escritor e jornalista, universitário e poeta, associados um ao outro em tal ritual, ilustram isso muito bem.

Já em 1940, sete anos antes dessa “consagração pública” no vitorinismo, quando ainda era Interventor Federal Paulo Ramos, Apolônia Pinto ocupa meia coluna do Diário Oficial do Estado do Maranhão. Estava noticiada a “inauguração do camarim nº 1, onde nasceu Apolônia”. Na cerimônia, estiveram presentes, dentre outros, intelectuais, estudantes, Interventor Federal e Secretário Geral do Estado, para honrar aquela que teria sabido honrar seu torrão natal (MARANHÃO, 1940).

Faziam-se presentes no culto à “intelectualidade maranhense” de 1947, verdadeiras autoridades da “cultura”. Rememorava-se que a Atenas Brasileira tem por marca ir para além das fronteiras do Estado, deseja atingir toda a Nação, todo o Brasil, apontando ainda para uma necessidade de ser universal. O próprio perfil histórico da homenageada é visto como uma cristalização de tal desejo, ela teria estreado

aos 12 anos de idade, justamente no dia do seu aniversário, a 21 de junho de 1866, interpretando o papel ingenua, no drama “A cigana de Paris”. Aos 16 anos, exibiu-se pela primeira vez no Rio de Janeiro [...] tornando-se a maior ingenua do teatro nacional. Apolônia tinha á sua frente um mundo de conquistas artísticas. Correu mundo, empreendendo em 1904 vitoriosa “tourné” a Portugal, exibindo, com ruidoso sucesso em Lisboa e Porto. Já na sua velhice cheia de grandes triunfos artísticos, excursionou por Buenos Aires e Montividéu [...] Considerada pela mais alta critica nacional, Apolônia chegou a receber em plena aurora do seu talento, elogios de Pedro II. (HOJE ..., 1947)

O repórter destaca que para “confirmação da crença de muitos, de que os artistas e poetas são marcados pelo Destino, a grande Apolônia veio a morrer em dolorosa penúria, no Retiro dos Artistas, a 24 de novembro de 1937, com 83 anos de idade” (HOJE ..., 1947). Mais uma vez, o mito é ressignificado. O trágico destino de Apolônia lembrará um outro: o de Gonçalves Dias, morto em um naufrágio próximo à costa de São Luís. A celebração/culto a Apolônia Pinto se constitui como uma verdadeira “jornada cívica”, afigurando-se como momento basilar de tal marcha, os discursos. A entrega oficial da urna se dava no bojo das palavras enunciadas pelos oradores, poetas, professores, “doutores” e outros letrados.

Teve lugar, então, a solenidade de entrega oficial da preciosa urna, falando nessa ocasião os seguintes oradores: poeta Assis Garrido em nome da Academia Maranhense de Letras; Pascoal Carlos Magno, em nome das entidades que vem representando; o Prof. Antonio Lopes, em nome do Instituto Histórico e

Geográfico do Maranhão, e, encerrando, o dr. Clodoaldo Cardoso, presidente da Academia Maranhense de Letras. (ESTÃO ..., 1945)

Homenagens desse tipo, em que eram instituídos ícones do homenageado, não eram incomuns. A inauguração de bustos constituía-se como um dos momentos mais salientes para notarmos a reatualização daquele mito. Certamente, tratava-se de tornar a Atenas Brasileira visível e até palpável, presente. A criação/solidificação de ícones sugere a tentativa de cristalização da própria (desejada) Atenas. Em seu oratório no culto a Apolônia Pinto, o poeta Assis Garrido salienta que “Ainda há bem pouco tempo, pagamos uma velha dívida ao **nosso grande poeta** Joaquim Souzafrade, inaugurando uma famosa praça com o **seu nome glorioso de bardo ateniense.**” (GARRIDO Apud ESTÃO ..., 1945)

Em verdade, ao que parece, os monumentos da capital do Maranhão eram construídos para espalhar e publicizar o mito. Além de presentificados nas ruas, eles também são impressos nas letras de revistas, como ocorre em 1946, quando Correa de Araújo escreve na Revista de Geografia e História do Maranhão lembrando os “Monumentos Históricos” da capital (ARAÚJO, 1946). Importa, fundamentalmente, propagá-los. Os textos produzem imagens que dão visibilidade a uma verdade.

Dentre tais monumentos podemos destacar alguns. O “marco comemorativo da fundação da cidade” na Avenida Pedro II, praça “do tempo da Missão Francesa”, erguido em 8/12/1922, por ocasião do centenário da independência nacional: numa festa nacional se mostra à nação uma singularidade local. A estátua de Gonçalves Dias, “monumento ao grande poeta”, colocada sobre uma coluna que imitava um troco de palmeira – A simbologia é clara e eficaz: das palmeiras à Gonçalves Dias, de Gonçalves Dias à Atenas Brasileira, da Atenas ao Maranhão Singular –. A estátua de João Francisco Lisboa, construída pelo escultor francês Jean Magrou, no começo do século XX, tendo ao pedestal uma inscrição extraída de sua obra: “Os gênios gigantes hão mister de pedestais alçados pela glória, donde dominem tudo e tenham por espectador o universo inteiro”. Outro monumento é “a herma de Antonio Lobo”, que teria sido oferecida pela mocidade maranhense. Também os bustos de Silva Maia, Gomes de Castro e Odorico Mendes, a Estela de Sotero dos Reis, todos esses homens das letras (ARAÚJO, 1946, p. 107-117).

As estátuas, ao mesmo tempo em que lembram e reinstituem o Maranhão Singular porque ateniense, produzem um incômodo (necessário) para a completude da engrenagem imaginária: tudo que parece ter restado foram os bustos, as pedras, não há mais vida, há decadência, é preciso reanimá-los. Quanto aos esperados respeito e veneração daqueles bustos por parte da população, isso já é uma outra história...

Ambigualmente, o “povo”, na consagração de Apolônia Pinto, é ausente e presente. “Encerrada a solenidade, sob vibrantes palmas da assistência, constituída **quasi que exclusivamente** de intelectuais, artistas e estudantes acompanharam êstes a comitiva até o Hotel Central, onde ficou a mesma hospedada”. Contudo, é dito (embora nem mesmo se sugira como) que “toda a cidade se movimentou”, “**também o povo**” teria rendido sua homenagem a Apolônia Pinto (ESTÃO ..., 1947, grifo nosso).

Certamente, esperar uma formação imóvel e pronta da Atenas Brasileira não parece ser uma posição acertada. Tal mito toma elementos diversos para se atualizar. Guimarães Martins ⁹ disse esperar “que o Maranhão saiba **continuar a memória** de Apolonia e demais vultos de nossa terra, pois, como disse Rui Barbosa, ‘não se pode viver dentro da **civilização** e fora da **arte**’” (MARTINS Apud ESTÃO ..., 1947). Muitos são os personagens que encenam no teatro ateniense.

Apolonia Pinto é lida, vista e dita como um sinal vivo da Atenas. Ela também poetizou e propagou o Maranhão, como um espaço singular, uma “terra de genios poéticos”, “o coração do Brasil”:

O CORAÇÃO DO BRASIL

Maranhão, terra serena, / Terra de luz e de amôr,
na qual se esmerará um dia / a sciencia do Creador.

Terra dos genios poeticos, / onde num palco fulgi,
Naquelle mesmo theatro / onde a luz primeira eu vi.

[...]

Maranhão, terra dos sonhos, / “onde canta o sabiá”,
Minhalma sempre saudosa / de ti se recorderá.

[...]

Maranhão, meu solo amado, / que regam aguas do Anil,
Serás, em todos os seculos, / — o Coração do Brasil ! (DUAS ..., 1940)

Viajando “por mares remotos”, ela também apontou e definiu uma outra singularidade do maranhense: o maranhense, mais que outros, sente saudades, saudades que provocam dor, por isso, ele deve retornar à sua terra, quer nela morrer, assim como o fez o ilustre Gonçalves Dias. Por mais

⁹ Guimarães Martins: jornalista que esteve no Maranhão, convidado pelo governo maranhense, na comitiva que trouxera os restos mortais de Apolônia Pinto, em 1947.

que caminhe, que conheça a nação e mesmo o mundo, a região, terra natal, sempre será seu espaço inequivocamente singular (superior?).

A ACTRIZ E A SAUDADE

Andei por mares remotos, / andei por longinquas terras, /fitando de longe as serras / do meu sagrado Brasil.

[...]

E sempre a Saudade, e sempre / no meu peio a magua infinda / de haver guardado a mais linda, / das crenças de uma illusão, [...]

Saudade, Saudade eterna, / apenas brilha e se enflora / quando em lagrimas devora / a Dôr que Dôr contradiz. / Saudade, Saudade funda, / profundissima Saudade, / só buscas eternidade / no Coração de uma Actriz.

[...]

Mas quiz o Destino immenso / que um dia rompendo os mares, / deixando os verdes palmares / da minha terra natal, / contemplesse as lindas ondas / que um dia, aos beijos, sorrindo, / mostraram-me o aspecto lindo, / das terras de Portugal !

[...]

Se porventura quizerem / os genios da nossa idade / saber se dóe a Saudade, / se ella fala e o que ella diz, / se porventura quizerem / traduzir-lhe os vãos gemidos / venham juntar seus ouvidos / ao Coração de uma Actriz ! (DUAS ..., 1940)

Antes de sua consagração pública, em 1945, a “divina intérprete de todas as paixões humanas” teve seu 92º aniversário celebrado pelo Grupo dos Amadores Teatrais, “Os Amigos de Apolonia”. A cerimônia em homenagem à “maior atriz do Brasil em todos os tempos” se realizou no Teatro Artur Azevedo, “em frente ao camarim n. 1, local do seu nascimento, uma solenidade que contou com o comparecimento de amadores teatrais, intelectuais, estudantes e pessoas outras”. A “estrela que durante 60 anos deslumbrou as platéias do Brasil, Portugal e Argentina” teve sua vida louvada e rememorada por membros de “Os Amigos de Apolonia” e do CCGD (ALVORADA, 1945).

A reatualização do mito pelas celebrações e consagrações a Apolônia Pinto está quase completa. A primeira parte do binômio (**prosperidade**-decadência) já foi transladada: sua arte nasceu no seio da Atenas Brasileira. Ela a propagou para além-mar. Ela evidencia a singularidade maranhense. Ela a prova: é rememorada. E tal rememoração se dá num tempo anunciado e propagado como tempo de decadência. Celebra-se a morte para gerar a vida: seus restos mortais reeditam as vivazes glórias que só o maranhense alcançou.

Depois de celebrações e consagrações, Apolônia Pinto também não escapa ao estigma da decadência. José Brasil, em 1948, um ano depois da consagração pública da artista, lamentava-se, pois “Com tristeza se observa a **decadência** da arte de Apolônia no Maranhão”, “O culto da arte da palavra e da mímica já não merece a atenção nem a veneração de quási ninguém”.

Um sincero observador, por mais bairrista que seja, dirá com profunda pena e mágua profunda, da diferença entre o publico de ontem e o de hoje... O Maranhão de outrora, que julgava em primeira mão, as grandes companhias vindas dos centros mais adiantados, quer do país, quer do estrangeiro, hoje já não sabe mais orientar as outras “praças”, como fazia então, dizendo se tal companhia merecia ou não aplausos!...

Parece lenda!...

[...]

O motivo de toda essa tristissima situação [é que]

[...]

A MOCIDADE NÃO SE INTERESSA PELO TEATRO

O pequeno público de nossos atuais espetáculos teatrais é composto de gente velha. (BRASIL, 1948, p. 4)

A segunda parte do binômio (prosperidade-**decadência**) também é efetivada. A arte de Apolônia Pinto não foge à sua leitura a partir do sinal da decadência. O fato é que, no período em foco, a leitura da vida de Apolônia Pinto é construída sob os estigmas da decadência e de sua contraparte, a mitologia da Atenas Brasileira, um mito de prosperidade, que se conjugam para falar, escrever e propagar um Maranhão e um maranhense singulares.

2.2 GONÇALVES DIAS: ATENAS PARA ALÉM DO ESQUECIMENTO

Gonçalves Dias era, em geral, lembrado e rememorado como um ataque à apatia que estaria dominando o Maranhão. A própria fundação do CCGD, em 28 de junho de 1945, foi lida como “reação ao marasmo que dominava as letras maranhenses”. Nas sessões do Centro, “todos têm externado os seus sentimentos, todos têm trabalhado pela mesma causa, que é a do reconhecimento das nossas possibilidades sem, todavia, relegar a segundo plano os valores das gerações antecessoras.” (O CLARIM, 1946)

As comemorações do aniversário do imortal maior (das letras), Gonçalves Dias, seguiam muitos dos caminhos presentes no ato cívico-celebrativo da institucionalização mítica de Apolônia Pinto como ícone da Atenas Brasileira. Em geral, tais comemorações eram organizadas pelo CCGD

¹⁰, uma “grande festa lítero-artística”, marcada pela “presença de figuras de relevo da sociedade e dos meios literários e científicos de São Luiz”, como teria ocorrido em 1947. Nesse ano, o então presidente do Centro, professor Nascimento Moraes Filho, proferiu “substancioso discurso sobre o movimento cultural que se está desenvolvendo no Maranhão”. Professoras também proferiam conferências, jovens declamavam poesias (“Y-Juca Pirama” constituía-se como uma fórmula necessária), discursavam, cantavam em coro, etc (O GLOBO, 1947).

Gonçalves Dias é, sem dúvida, o imortal maior do edifício mítico das letras maranhenses. Não à toa usa-se como sinônimo de “terra ateniense” a expressão “terra gonçalvina”. Em diversas festas, especialmente as cívicas, ele é lembrado, seu busto é espaço de rememoração, de reatualização da crença. Afinal, foi ele quem disse: “E o nosso nome voará de boca em boca — de pais a filhos — até às mais remotas gerações e o esquecimento não prevalecerá contra ele” (DIAS Apud CORRÊA, 1993, p. 28).

O dia três de novembro é visto, no período em questão, como “um dia santo das nossas letras”, dia em que a intelectualidade maranhense rendia homenagem em memória do poeta. Gonçalves Dias “será sempre, na história de nossa literatura, uma figura primacial, motivo de nosso orgulho, **não como simples realce provinciano**, mas orgulho de brasileiros que vemos” nele “um dos modelos mais singulares de artista e sábio estudioso dos problemas de nossa formação”. (GONÇALVES ..., 1948, grifo nosso).

Em 1942, Josué Montello escreve um ensaio biobibliográfico sobre Antonio Gonçalves Dias. Destaca que ele “nasceu e viveu sob o signo do sofrimento. As horas de ventura, no seu destino atribulado e glorioso, foram como nódoas de luz no chão das florestas impenetráveis”. Um poeta que a felicidade raramente teria se dignado a presentear (MONTELO, 1942, p. 40). Em 1864, depois de retornar ao Maranhão, o “‘Ville de Boulogne’ não pôde entrar no porto”, naufragando pela madrugada. “Gonçalves Dias, sem fôrças, está sozinho no camarote, sem ter quem o socorra nesse instante de alvoroço. E’ aí que morre, sòzinho, abandonado pela tripulação. E desaparece no oceano, com o arcabouço do brigue destroçado”. (MONTELO, 1942, p. 96) O mito está lapidado: até na/a morte Gonçalves Dias é singular...

Publicada em “O Estudante de Atenas”, em 1957, escrita por José R. de Sá Vale, em meio aos desejos de que a mocidade não esqueça e nem apague, mas cuide “de nossas tradições gloriosas”, a poesia:

¹⁰ O CCGD também homenageava os vivos, como ocorreu em 1949, quando foi homenageado Ferreira Gular. Ver O Globo, 1949, p. 4.

GONÇALVES DIAS

Rei sublime do verso fulgurante / De forma tensa e rica de emoção;
Seu nome excelso é como o diamante / Enche de glória todo o Maranhão.

Não foi poeta somente e cintilante, / Foi também sábio, sem afetação,
Tem por docel — o espaço deslumbrante, / Tem por jazigo — o mar cheio de unção.

Burilador da língua portuguesa, / Em poemas de fulgido [?] / Celebra o índio, o amor a natureza.

O máximo poeta do Brasil. / Que o faz com direito e sem [?]
É seu formoso gênio varonil. (VALE, 1957)

As homenagens a Gonçalves Dias eram, em geral, festividades oficiais, que contavam com a presença de membros do governo e da AML. Esta instituição realizava anualmente homenagens a Gonçalves Dias no dia 3 de novembro, aniversário de seu falecimento. Na festividade de 1949 estiveram presentes o Governador do Estado, Coronel Sebastião Archer da Silva e membros do secretariado do Estado. Ao lado da “estátua do genial poeta, artisticamente ornamentada, altas autoridades civis e militares, professores, grande número de alunos das escolas secundárias e primárias e outras figuras de relêvo do nosso meio social”. Naquele dia deu início à solenidade “o ilustre professor Mata Roma” proferindo uma “bela alocução” (FERREIRA, M., 1949) Tal discurso consistiu, dentre outras coisas, em dar alma e vida àquela estátua – morta – do poeta:

É como arauto que falo [...] do poeta maior de todos os tempos. E, em côro, toda esta mocidade vibrará de comovido orgulho. E a própria estátua, animada pelo nosso entusiasmo, criará vida como Galatéa. **E Gonçalves Dias terá presença real e cantará.** Cantará de novo os feitos da nossa gente e os primores da nossa terra. Cantará da bravura do **Y Juca Pirama** e as estrélas do céu [...] Cantará o gigante que tem a fronte nas nuvens e os pés sôbre o mar e o leito de jatú, onde o bogarí tem mais doce aroma e se respira um quebranto de amor melhor que a vida (ROMA Apud FERREIRA, S., 1949, grifo nosso).¹¹

Provavelmente tal discurso em que a estátua de Gonçalves Dias é animada, em que o poeta ganha presença real, pode ser lido como uma alegoria que representa (e bem!) os discursos sobre a reatualização do mito da Atenas Brasileira em meados do século XX: a estátua talvez simbolize a concretude da vida maranhense, suas condições objetivas, uma realidade que é vista, tal como a estátua, uma morta, insinuando decadência; as palavras de Mata Roma levando entusiasmo para a mocidade durante a cerimônia talvez simbolizem os discursos construídos nas diversas

¹¹ Mata Roma nasceu em Chapadinha (MA) em 1896. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Maranhão. Jornalista e poeta. Professor do Liceu Maranhense, vereador, professor da Faculdade de Filosofia de São Luís (FARIA, 2005, p. 585). Empossado na AML em 1945.

cerimônias recordando um passado distante tornado próximo e presente por meio de tais discursos. A estátua precisa de belas alocações emitidas em cerimônias para ganhar vida, ainda que tal sopro vital se reduza a poucos momentos, e depois, ela própria, vire espaço de outras linhas, estas vindas da sociedade em geral, linhas de indiferença, até que, em outro momento, ela seja novamente animada e vivificada por outra bela alocação...

Contribuindo para a vivificação da estátua de Gonçalves Dias, ajudaram também os poetas Corrêa da Silva, Corrêa de Araújo e Manoel Alexandre de Santana Sobrinho, o centrista (ensaio de homem das letras) do Centro Cultura Gonçalves Dias, “o jovem e talentoso” Celso Bastos, o professor Luiz de Moraes Rego. E, por fim, caso as palavras não fossem suficientes para tornar viva a estátua, tocou a “banda de música da Força Policial do Estado”. Desse modo, “naquela tarde, na mais aprazível Praça de nossa S. Luiz, prestaram os maranhenses mais um **culto de suprema glorificação** ao inspirado poeta Gonçalves Dias que, com talento elevou o nome do Maranhão” (FERREIRA, M., 1949, grifo nosso).

3 ALUCINAÇÕES NO TEMPLO

Em meados do século XX, a AML apresenta-se como a legítima herdeira da tradição escrita, grande legado da dita civilização ocidental, em que o próprio início da história é marcado pelo “surgimento da escrita”, apontando que o tempo anterior seria uma “pré-história” e sugerindo que aqueles grupos e sociedades que não tivessem tal marca – a escrita – ainda estariam lá, na pré-história, que, enfim, os povos sem escrita seriam povos sem cultura e sem história. A AML, nesse contexto, é decifrada como um espaço da Civilização, da Cultura. Nela chegam, de modo menos embaçado, as luzes do progresso civilizador, identificando de modo claro e indelével o “legado branco” daquela sociedade, espólio modelo, civilização paradigmática; desenvolver-se é caminhar em sua direção, é fantasiar um sonho cuja substância é uma certa Europa.

Estudantes de Atenas, em 1957, contam a história da AML. História que colheram a partir de entrevista que fizeram com Clodoaldo Cardoso e Mário Meirelles, então, respectivamente, presidente e primeiro secretário da referida instituição. O número de cadeiras da AML, “a casa de Antonio Lobo”, era quarenta, “o número clássico da Academia Française”. Por ocasião de sua fundação, em 10/08/1908, aquele número era de apenas vinte, chegando a quarenta em 1942, ano de uma reforma dos Estatutos da instituição. Cada uma das cadeiras tinha o patrono escolhido pelo primeiro acadêmico que a ocupa, como em instituições congêneres. “O patrono maior da instituição [...] é Gonçalves Dias cujo aniversário de morte é considerado como feriado acadêmico”. A posse constituía-se na solenidade de uma sessão extraordinária em que o novo acadêmico em discurso

fazia o elogio de seu antecessor, estudando-lhe a vida e a obra e, declarado empossado pelo presidente era, a seguir (ou numa outra cerimônia), saudado por um de seus novos companheiros, previamente designado. “As sessões de posse, na Academia, assistida sempre pela fina flor de nossa sociedade e intelectualidade, são um desses fatos que se nos gravam perenemente na memória”. A breve história da Academia escrita pelo aluno repórter toma como padrão explicativo de suas linhas o binômio prosperidade-decadência, pois, para ele, desde fundada, a instituição passou “por altos e baixos, por bons e maus pedaços”, sendo que, “A cada mau pedaço [...] segue-se sempre uma fase de reação e de esperança” (O ESTUDANTE, 1957).

A Academia é lida como um “Templo erigido em honra e pela glória dos numes tutelares do Maranhão” (BRAGA FILHO, 1954, p. 82)¹². Em seu discurso de posse, Arnaldo Ferreira, depois de afirmar que “A Tradição não se interrompe, senão pela infeliz escolha do substituto”, diz que a Academia é a “Casa, onde pontifica a Inteligência Maranhense e se acolhem, ao sol da Imortalidade, como num refúgio sagrado, em hora tão conturbada, os expoentes das tradições da Atenas Brasileira, para o culto divino do Belo, no labor cotidiano do Espírito” (FERREIRA, A., 1954, p. 74-75)¹³.

De modo geral, os acadêmicos se consideravam como uma espécie de guardiões da cultura maranhense, os legítimos revitalizadores da Atenas Brasileira como teria sido a Atenas grega “no glorioso século de Péricles”. Chegando à Academia, assim discursou efusivamente Fernando Viana:

Senhoras e Senhores;

Não pode o Maranhão sumir na História. Tem nossa terra, como patrimônio inestimável, um passado de glórias que nos legaram os ínclitos “barões assinalados”. Cumpre-nos, pois, a nós, “mente às Musas dada”, zelar por essa riqueza que os séculos juntaram – riqueza que é um padrão de glória inexaurível, mas à qual devemos, em esforço e dedicação, acrescentar nossa moeda humilde, por que se ela não desbarate, – antes se avolume e cresça, e brilhe, num fulgor de lumaréu, à luz forte do sol americano, para a grandeza rediviva, **Atenas imortal, Atenas sempre Atenas, cada vez mais Atenas – a do esplendor literário e artístico da Grécia, no glorioso século de Péricles!** (VIANA, 1954, p. 24, grifo nosso).

No período em foco, a AML, é, dentre outros contextos, um espaço no qual se realizam festas. Festas tais que cumprem um papel importante, particularmente na comunidade acadêmica. É momento de reunir esse grupo, espaço de socialização. É ocasião em que os mesmos partilham e celebram seus ideais, anseios estes que se mesclam, de modo acentuado, com a linguagem da Atenas

¹² Pedro Braga Filho nasceu em Barra do Corda/MA, em 1918. Médico diplomado em 1945. Exerceu a profissão em diversos órgãos municipais, estaduais e federais. Deputado federal pelo Maranhão. Jornalista, diretor dos jornais *O Norte*, de Barra do Corda, e *Diário da Manhã*, de São Luís (FARIA, 2005, p. 599). Empossado na AML em 1948.

¹³ Arnaldo de Jesus Ferreira nasceu em São Luís (MA) em 1904. Comerciante, líder empresarial e homem de letras (FARIA, 2005, p. 565). Empossado na AML em 1951.

Brasileira e sua contraparte, a Decadência. É momento singular para notarmos processos de (re)significação da maranhensidade.

Por meio de fórmulas e discursos, expressavam-se valores de um grupo que pretendia que a sua sociedade se firmasse em padrões da Cultura, cultura entendida especialmente como produção das letras, letras estas que apontavam, antes de qualquer coisa, para um mundo além-mar: uma determinada Europa. É a civilidade que se quer fazer presente. O discurso da civilidade se desdobra na estética, na ciência, na verdade, na beleza, enfim, nas letras (ainda se diz que o português maranhense é o mais bem falado do Brasil). Uma civilidade que, ao mesmo tempo em que já não está, pois se deseja sua (re)edificação, também está, bastando para isso, reviver certos tempos áureos:

Senhores Acadêmicos:

[...]

É da vossa regra proteger nos campos da estética e da ciência, a verdade contra o embuste e a beleza contra a deformação, **velar pela pureza do nosso idioma**, amparar as fortes personalidades contra a mediocridade devastadora e espalhar entre os homens as amáveis harmonias do belo e as edificantes lições da sapiência, através dos milagres do verbo. (PERDIGÃO, 1998, p. 65-66, grifo nosso)¹⁴

Embora acreditemos que não caiba neste trabalho – pelas suas pretensões – uma vasta análise teórica sobre a literatura pertinente à festa, pontuaremos elementos básicos da discussão. É na literatura antropológica que encontramos de maneira mais acentuada discussões sobre a teoria da festa. Segundo Durkheim (1989), as principais características de todo tipo de festa são: a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de “efervescência coletiva” (sendo que no momento de maior efervescência a energia do coletivo atingiria o seu apogeu) e a transgressão das normas coletivas. Segundo Amaral (1998, p. 9-15), depois de Durkheim, somente a sociologia da festa de Jean Duvignaud apresentou desenvolvimentos novos, radicalizando a teoria da festa.

Segundo o sociólogo, de modo geral, a festa é subversão, o autor sublinha, assim, o poder negador, destruidor, da festa: uma realidade supostamente degradada pode ser destruída e substituída na festa por uma realidade próspera. Não existe uma essência da festa, mas diversos modelos (DUVIGNAUD, 1983). O entendimento da festa na perspectiva de Durkheim como um espaço de efervescência coletiva e sob o prisma de Duvignaud como subversão podem nos auxiliar na interpretação das festas da AML, não esquecendo que a linguagem da festa é comumente ritualizada e celebra mitos.

¹⁴ Fernando Eugênio dos Reis Perdigão nasceu em São Luís (MA), em 1908, estudou Primário e Secundário no Liceu Maranhense, formado em Direito. Exerceu a profissão em órgãos do Estado, em Bancos, foi membro da CMF, professor de economia da Faculdade de Direito da UFMA. Advogado e jornalista. Membro do IHGM (FARIA, 2005, p. 573). Empossado na AML em 1951.

A nosso ver, as festas que eram levadas a efeito na AML (ou em outro local sob promoção da referida instituição) por ocasião da chegada dos novos acadêmicos, com seus atos de recepção e/ou saudação, podem ser compreendidas como **alucinações simbólicas**, um dos modelos de festa da teoria duvignaudiana. Esse tipo de festa pode ser caracterizado como um momento em que um determinado grupo de indivíduos ou uma sociedade de modo geral, reunidos num dado espaço, cristalizam uma atmosfera não apreendida, aprisionada, pelo próprio contexto em que estão, mas são capazes de através desse momento, criar, (re)inventar situações ainda não existentes, dando uma certa vida a partir, por exemplo, da evocação de nomes e fórmulas (DUVIGNAUD, 1983).

As alucinações simbólicas constituem momentos em que “Invocar uma atitude, um comportamento, uma pessoa imaginária, é criar uma realidade supra-real que se torna real pela comunicação que ela implica e pela mensagem recebida”, instantes em que “Um sonho organizado adquire aí nitidez, apreendendo conteúdos onde os encontra”. Aqui, “as alegorias [...] São signos [...] cuja eficácia é hipócrita, pois não indicam em absoluto as coisas ou as solicitações reais, mas operam para simular situações”. Enfim, “A alucinação simbólica, se assim podemos chamá-la correlaciona-se, justamente, com esta tensão que resulta da contínua ultrapassagem de uma sociedade por ela mesma” (DUVIGNAUD, 1983, p. 90; 93; 100).

Essas festas são momentos em que a aspiração da Atenas Brasileira é (re)significada pelos contemporâneos. Sonhos que ganham naquelas celebrações festivas contornos simbólicos nítidos a partir da apreensão de conteúdos gerais que eram suscitados pelo simples pronunciar da palavra; tal pronunciar era o momento-chave da alucinação. A festa é um ato coletivo, ela supõe não só a presença de um grupo, mas também, sua participação (o que diferencia a festa do puro espetáculo) (AMARAL, 1998, p. 22-23). Aquele grupo cujos membros se autodenominavam de “protetores” e “guardiões” das “verdadeiras tradições maranhenses”, por ocasião dessas festas, vislumbravam e pensavam concretizar o presente de um passado distante. Tais festas, uma alucinação simbólica: passava-se da sociedade maranhense supostamente decadente à sociedade maranhense próspera, uma passagem ficcional, pois (sobretudo) nos seus discursos embaralhavam-se obscurantismo e lucidez.

Achilles Lisboa saudando Mário Meirelles dizia “**prever** uma era nova, de almas juvenis em alto potencial de fé e confiança” que estaria se abrindo, provocando “novos impulsos para a conquista mental de glórias renovadas”. Uma nova era “cirenear no transporte homérico da bandeira

da fama ateniense do Maranhão”. Aqueles que estavam chegando seriam verdadeiros “enviados da fortuna” (LISBOA, 1998, p. 43-44, grifo nosso).¹⁵

Os “jovens letrados” do Maranhão eram vistos como “a promessa que temos hoje de que o pouco de amor às letras que ainda nos resta **não desaparecerá** com a nossa geração” (SOBRINHO, 1998, p. 43, grifo nosso). Antevia-se um futuro próspero no mesmo movimento em que se reclamava de um presente degradante e degradado. “O Maranhão por várias décadas divorciado da literatura que se fazia no resto do Brasil e no mundo, está em condições agora de **rearticular** os seus valores literários em consonância com as letras universais”. Antevia-se “no horizonte um dilúcido de aurora, que promete **cobrir de luz** novamente a planície” (MONTELLO, 1998, p. 54, grifo nosso).

Adentrando na Academia, afirmou Antenor Bogéa, que esta o receberia

hoje para compor o seu **augusto conjunto quadragenário**, insigne assembléia dos doutos, que mantém as **tradições de cultura da Atenas Brasileira**. Aqui estão entronizados os valores mentais do Maranhão [; os acadêmicos] alteiam esta casa [...] por um **fenômeno de orogênese intelectual**, à culminância de Acrópole da cultura (BOGÉA, 1998, p. 47, grifo nosso).¹⁶

A entrada dos novos acadêmicos significava uma tentativa de revificar o “germe” de cultura e civilização que estaria fortemente cristalizado naquela instituição constantemente sacralizada. Os que chegavam sentiam passar a fazer parte de “um outro lugar”, certamente um “utopias” (um “não-lugar”, lugar que não existe). Era tido como “dever de cada sócio ingressante fazer o elogio de seus predecessores e do patrono [para completar a] **unidade estelar no sistema galaxial da cultura maranhense**” (BOGÉA, 1998, p. 47, grifo nosso).

A posse de Correia da Silva, em 1948, “constituiu uma grande festa espiritual”. O salão nobre da Associação Comercial “ficou superlotado do que possui São Luiz de mais representativo na sociedade, na arte, na cultura e na imprensa”. Estiveram lá o governador do Estado, Archer da Silva, que presidiu a sessão, representantes do arcebispado e da Assembléia Legislativa. “A bellissima oração de Correia da Silva impressionou vivamente todos quantos se encontravam na

¹⁵ Achilles Lisboa nasceu em Cururupu/MA, em 1872, iniciou os estudos primários naquela cidade, terminando-os em São Luís. Farmacêutico pela Faculdade da Bahia e médico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Exerceu a profissão através de diversos cargos no Estado. Foi prefeito de Cururupu e governador do Estado do Maranhão. Membro e fundador do IHGM (FARIA, 2005, p. 564). Empossado na AML em 1945.

¹⁶ Antenor Américo Mourão Bogéa nasceu em Grajaú em 1909, bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas, professor da Faculdade de Direito do Maranhão. Secretário particular do interventor Paulo Ramos, deputado, prefeito de Grajaú, presidente da OAB/MA. Membro do IHGM (FARIA, 2005, p. 561). Empossado na AML em 1963.

sessão da Academia”, tendo sido aplaudido fortemente. Durante o evento, tocou a banda de música da Força Policial do Estado e a sessão foi transmitida pela Rádio Timbira, de modo que “os eloquentes verbos” puderam chegar “a todos os lares maranhenses” (O GLOBO, 1948).

Certamente, o ápice da alucinação se dava nos discursos. As palavras criavam coisas, inventavam situações concretas. Nas palavras de Manoel Sobrinho saudando o recém-admitido Fernando Ribamar Viana, as “gloriosas tradições maranhenses” seriam mantidas pelo pensamento, pela escrita e pela rima (SOBRINHO, 1998, p. 27). Certamente, pretendiam estar agredindo e negando uma realidade supostamente decadente com a presentificação de mitos de prosperidade. O mito era a própria essência constitutiva dos seus discursos. Os acadêmicos, uma vez que eram “rapsodos legados pela Grécia”, “iluminados das letras” visavam sempre contribuir “para a fulguração maior do áureo nome de Atenas”, haja vista que teriam conseguido “galgar os altiplanos augustos” (VIANA, 1998, p. 23).

Os “íclitos ‘barões assinalados’” (Gonçalves Dias, Sousândrade, além de outros) que teriam legado “um passado de glórias” ao Maranhão sugerem não um mundo real, concreto, ligado ao que é prático, mas um mundo ideal, épico, das armas e barões assinalados de Camões; um mundo fantástico, sobre-humano, mítico.

Como num ritual, os discursos da AML eram repetitivos. O ritual não está somente ligado ao mundo estritamente religioso, ele pode atingir outros campos da vida social. De todo modo, “Qualquer tipo de ritual utiliza uma linguagem, verbal e/ou não-verbal, condensada e muito repetitiva” (AMARAL, 1998, p. 18).

As mensagens dos livros, revistas e jornais produzidos na casa de Antonio Lobo comparavam-se à mensagem salvífica do evangelho cristão católico e os acadêmicos a apóstolos que teriam recebido a mensagem de “ir por todo o mundo” levando a mensagem. A própria geografia da cidade de São Luís, cujo horizonte é o oceano, representaria tal vocação de dimensões universais: “Não nos esqueçamos de que o mar que envolve a cidade abre-nos uma estrada real para todos os continentes” (MONTELLO, 1998, p. 55).

Achilles Lisboa dizia se considerar “felicíssimo” “pela honra” que obtivera por fazer parte “deste egrégio templo das letras”, sendo um de seus “**sacerdotes**”. Tratar-se-ia mesmo de uma “**religião quase convertida numa conspirato de catacumba**”, mas pronta para elevar “dentre em breve os seus **altares** nas praças públicas para as **missas campais**” (LISBOA, 1998, p. 48, grifo nosso). A Academia, nas palavras de Mário Meirelles: “**um templo erguido para o culto perpétuo dos deuses-lares**” (MEIRELLES, 1998, p. 90, grifo nosso). Segundo Josué Montello, “O verbo, desde as origens do mundo, segundo a lição das Escrituras, é a condição bíblica da própria divindade

[...] o escritor em relação à palavra, deve comportar-se à feição do crente em relação ao nome de Deus: nunca empregá-la em vão” (MONTELLO, 1998, p. 54).

Mário Meirelles agradecia a seus “amigos que foram longe, muito longe” buscá-lo e teriam lhe guiado “até este templo de luz e sabedoria, cuja resplandecência em tantas vezes admirava lá de baixo, onde vivo”, e afirmava que os acadêmicos, sobretudo os “de maior força”, como Gonçalves Dias, teriam “**poder de antevisão**”, poder que, “**como as línguas de fogo do Espírito Santo, só baixam e iluminam as inteligências predestinadas**” (MEIRELLES, 1998, p. 25, grifo nosso). Escutemos, então, Fernando Perdigão:

Senhores Acadêmicos:

[...]

A vossa comunidade tem o encargo portentoso e nobre de guardar e cultivar os mais sagrados tesouros da gente maranhense: a luminosa tradição cultural e a memória da numerosa falange de varões ilustres que dera ao Maranhão os legítimos e incontestados títulos de glória de que se orgulha [...]

Deslumbrado pelo vosso mister, pela presença subjetiva dos semideuses da nossa terra, cujos nomes são aqui de contínuo invocados, pela comunhão sempre repetida do pão da sabedoria e do vinho capitoso da beleza, que prodigaliza em forma de discursos, conferências [...]

Oh! Gema preciosa da cultura universal, eu te rendo nesta hora, o meu enternecido preito de gratidão, pela régia paga com que retribuis ao quase nada que por ti hei feito!

[...] com o assentimento que antecipadamente me destes, é o bastante para poder comungar convosco o elevado ideal que vos anima. (PERDIGÃO, 1998, p. 64-87)

O fato é que, no período em análise, a AML se apresenta como lócus privilegiado para encontrarmos um determinado tipo regional que é lapidado como potencialmente culto e erudito, singular. Tal instituição se pretende como o lugar no qual se poderia presenciar de modo puro as luzes da dita civilização/cultura, esta identificada sobremaneira com o mundo das letras, mitificado e reatualizado na Atenas Brasileira. Essa instituição é, dentre outras coisas, um espaço no qual se realizam festas que reuniam o grupo de acadêmicos e membros mais presentes no lugar da elite maranhense. Essas festas constituem um momento em que aqueles indivíduos partilham e celebram seus ideais. Sonhos e desejos imbricados entre a Atenas e a Decadência, mas sempre desejando uma maranhense singular. Naquelas festas, o momento ápice se dava com a evocação das fórmulas e discursos, um ritual repetitivo: o mito era lembrado, reiterado, reatualizado, reeditando-se, enfim, como verdade. Tais festas, uma alucinação simbólica: transplantava-se uma gritante sociedade maranhense decadente e (re)inaugurava-se uma sociedade maranhense em insofismável prosperidade. Sustentava a passagem uma linguagem ficcional: o mito era a própria essência constitutiva dos discursos e das festas.

Enfim, em meados do século XX, o mito da Atenas Brasileira é reatualizado, o Maranhão e o maranhense são ressignificados e singularizados a partir de temas e sentidos da construção imaginária, são pensados como singulares, são propagados como decadentes, mas

sempre prontos para reerguerem os cada vez mais longínquos – e também sempre próximos – tempos áureos de Atenas: novas letras refletidas de velhas imagens e transformadas em revelações da maranhensidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **O Engenho Anti-Moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. 1994. 501 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. **A Ideologia da Decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura do Maranhão**. São Luís: IPES. 1983.

ALVORADA. São Luís, 01 jul. 1945.

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira**. Significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 400 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

APOLÔNIA Pinto. Disponível em <http://antaprofana.com.br/grandes_figuras_1.1.htm>. Acesso em: 25 maio 2005.

ARAÚJO, Corrêa de. Monumentos históricos da capital do Maranhão. **Revista de Geografia e História do Maranhão**, São Luís, n. 1, p. 107-117, dez. 1946.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem**, Lisboa, Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 296-332.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. **Renegociando identidades e tradições: Cultura e religiosidade popular ressignificadas na maranhensidade ateniense (1940-1960)**. 2005. 157 f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2005.

_____. Festas populares e religiosas diante do mito da Atenas Brasileira. O maranhense e o Maranhão em construção. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 15, n. 1/2, suplemento, p. 149, 2004. Trabalho apresentado no 1º Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMA; 16º Seminário de Iniciação Científica, São Luís, MA, 2004a.

_____. Maranhenses: entre “Histórias”, “Tradições” e “Culturas”. In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, 3., 2004, São Luís. **Pesquisa Social e Políticas de Ações Afirmativas para Afrodescendentes – Resumos**. São Luís, COPENE; UFMA, 2004b, p. 68-69.

_____. O maranhense entre Preto Velho e Gonçalves Dias. In.: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 56., 2004, Cuiabá. **Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC**. Cuiabá, SBPC, 2004c.

BOGÉA, Antonio Mourão. Discurso de posse em ingresso na Academia Maranhense de Letras em 1963. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 19, jun. 1998.

BOURDIEU, Pierre. Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento. In.: Bourdieu, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

BRAGA FILHO, Pedro. Discurso de recepção a Arnaldo de Jesus Ferreira em 08/09/1951. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, maio de 1954.

BRASIL, José. Decadência da Arte de Apolonia no Maranhão. **Malazarte**, São Luís, 29 de jul. de 1948.

CORRÊA, Rossini. **Formação social do Maranhão: o presente de uma arqueologia**. São Luis: SIOGE, 1993.

COSTA, Wagner Cabral da. O salto do canguru: ditadura militar e reestruturação oligárquica no Maranhão pós-1964. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, UFMA/CCH, v. 2, n. 1, p. 183-192, 2004.

_____. Ruínas Verdes: Tradição e Decadência nos Imaginários Sociais. **Revista Cadernos de Pesquisa**, São Luis: Ed. da Universidade Federal do Maranhão, p. 79-105, 2001.

_____. **Sob o Signo da Morte: Decadência, Violência e Tradição em terras do Maranhão**. 2000. 200f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

DUAS poesias de Appolonia Pinto. **Revista Athenas**, São Luís, 01 dez. 1940.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Ceará: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ESTÃO em São Luiz os despojos da grande artista que tanto engrandeceu a Atenas Brasileira. **O Globo**, São Luís, 17 dez. 1947.

FARIA, Regina Helena Martins de; BUZAR, Benedito Bogéa. Apêndice C: Índice de verbetes de pessoas citadas nas entrevistas. In.: FARIA, Regina Helena M. de; MONTENEGRO, Antonio Torres (Orgs.). **Memória de professores: histórias da UFMA e outras histórias**. São Luís: UFMA; Dep. de História; Brasília: CNPq, p. 559-611, 2005.

FERREIRA, Adriano de Assis. **Teatro Trianon: forças da ordem X forças da desordem**. São Paulo: USP, 2004. Disponível em www.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde_03012005-221042/publico/trianon.pdf

FERREIRA, Arnaldo de Jesus. Discurso de posse em ingresso na academia Maranhense de Letras em 1951. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 9, 1954.

FERREIRA, Margarida. O 3 de Novembro. **Folha Escolar**, São Luís, 07 dez. 1949.

GONÇALVES, Fátima. **A Invenção do Maranhão Dinástico**. São Luís: EDUFMA-PROIN-CS. 2000.

GONÇALVES Dias. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, 1948.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOJE, a consagração pública da grande artista Apolônia Pinto. **O Globo**, São Luís, 19 de dez. de 1947.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: EDUFMA, 2000.

_____. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. 2. ed. rev. e ampliada. São Luís: LITHOGRAF, 2002.

LISBOA, Achilles. Discurso de recepção a Mário Meirelles por ocasião do ingresso deste na Academia Maranhense de Letras em 1948. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 20, dez. 1998.

LÔBO, Antônio. **Os Novos Atenienses**: subsídios para a História Literária do Maranhão. 2. ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1970.

MARANHÃO. **Diário Oficial do Estado do Maranhão**, São Luís, n. 80, 06 abr. 1940.

MEIRELLES, Mário Martins. **História do Maranhão**. 2. ed. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1980.

_____. Discurso de recepção a Fernando Perdigão por ocasião do ingresso deste na Academia Maranhense de Letras em 1951. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 20, dez. 1998.

MONTELLO, Josué. **Gonçalves Dias**. Ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1942.

_____. Discurso de posse em ingresso na Academia Maranhense de Letras em 1946. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 20, dez. 1998.

MORAES, José Nascimento de. Uma arrancada. **Revista Athenas**, São Luís, p. 1-2, jan. 1939.

O CLARIM. São Luís, 13 ago. 1946.

O ESTUDANTE de Atenas. São Luís, 14 maio 1957.

O GLOBO. São Luís, 13 jun. 1949.

_____. São Luís, 19 jun. 1948.

_____. São Luís, 12 ago. 1947.

PERDIGÃO, Fernando Eugênio Reis. Discurso de posse em ingresso na Academia Maranhense de Letras em 1951. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 19, dez. 1998.

SOBRINHO, Manoel. Discurso de recepção a Fernando Ribamar Viana por ocasião do ingresso deste na Academia Maranhense de Letras em 1946. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 19, jun. 1998.

VALE, José R. de Sá. Gonçalves Dias. **Estudante de Atenas**, São Luís, 14 maio 1957.

VIANA, Fernando Ribamar. Discurso de posse em ingresso na Academia Maranhense de Letras em 1946. **Revista da Academia Maranhense de Letras**, São Luís, v. 9, 1954.